



Director literario:

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

PAPUSSE

TEMPESTADE

por Vasco A. Rocha

ilustrações de A. M.



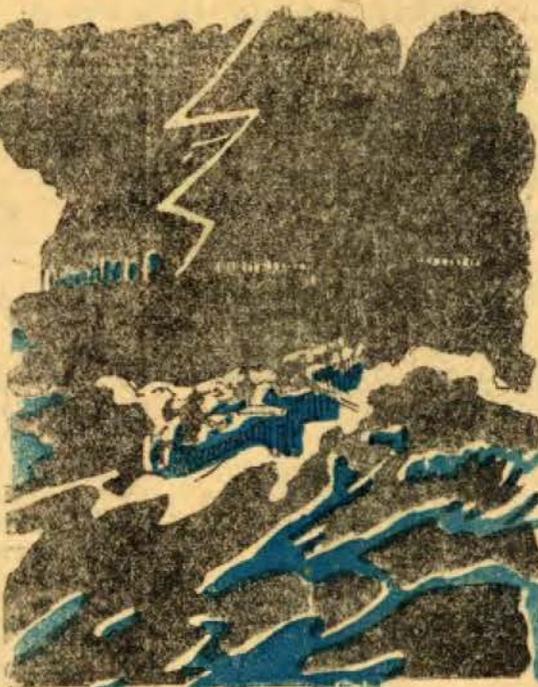
EM Aveiro, a cidade dos pescadores e das marnhas de sal, habitavam, perto da ria, numa pequena casa de madeira, o velhinho tio João, antigo e denodado lóbo do mar, e seu filho Artur, bonito rapaz de dezesse- te anos de idade, que

desde criança exercia o officio de pescador.

O tio João fôra um heroi. O mar, sedento de vítimas, tinha nêle um inimigo feroz.

Quando a tripulação de qualquer navio, prestes a afundar-se, pedia afflitivamente socôro, lá ia o tio João, capitaneando uns poucos de valentes, salvá-la. Estivesse o mar como estivesse — salvava-a sempre.

No seu forte e vasto peito brilhavam condecorações merecidas. O santo velho, porém, pensando constantemente em Deus e no seu filho Artur, era tratado muitas vêzes com indiferença; mas êle importava-se pouco com isso. Vivia pobre. Em compensação, muita gente que êle arrancara ao furor das vagas, vivia regaladamente, feliz e, sem cuidados. E depois? . . . Cada naufrago salvo, cada novo caminho que o tio João julgava que se lhe abria direitinho ao céu. E' era esta a sua mais nobre ambição.



Estava uma noite estrelada e calma. Ao lonje, porém, ouviam-se surdos rumores de alguma tempestade longinqua. De espaço a espaço, prolongados e enormes clarões cortavam a negridão das nuvens distantes.

Numa pequena cama, o tio João agonizava e Artur, banhado em lágrimas, orava fervorosamente.

(Continua na página 4)

OS TREZE LADROES

POR A. BROEIRO

Desenho de EDUARDO MALTA

A NDAVA no lugar mais escarpado duma escarpada montanha, um pobre homem que nem por ser domingo deixava de trabalhar, e mais que nos outros dias.

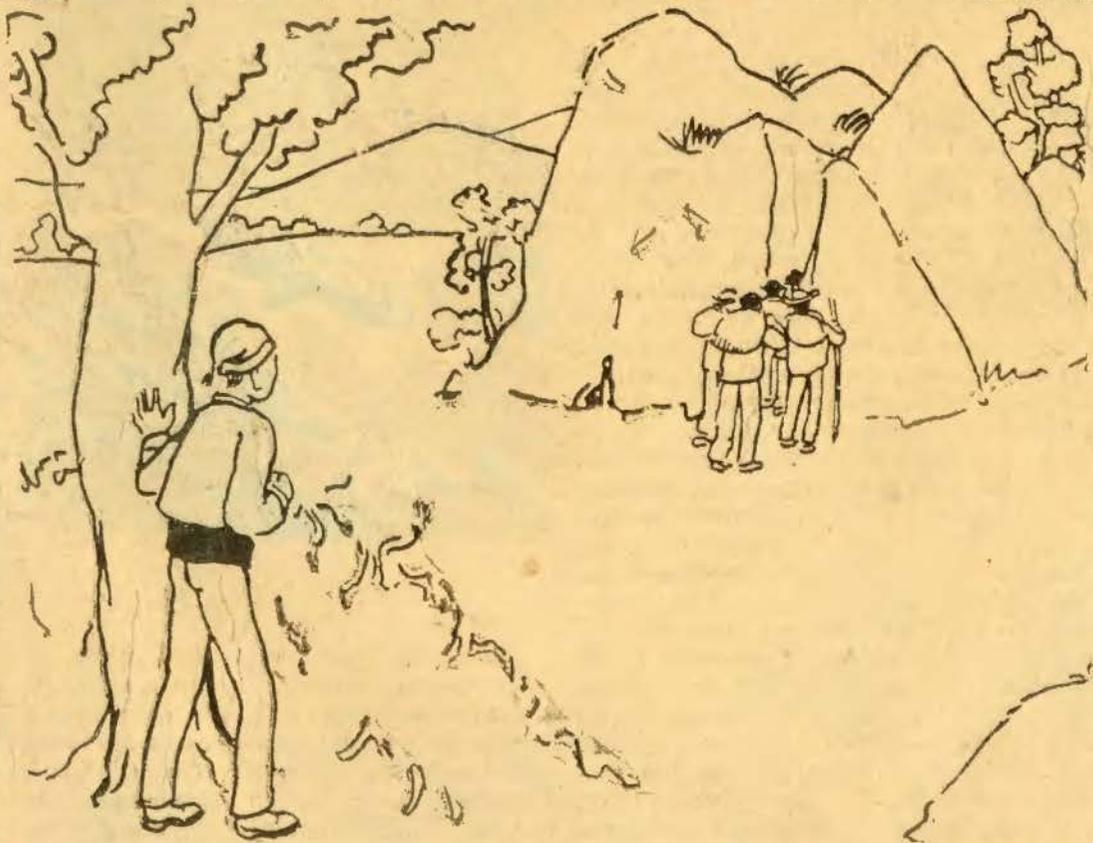
Estava muito entregue ao seu trabalho quando reparou num grupo de homens que, falando alto, se dirigiam não sabia para onde. Tão mal encarados eram, que ele não hesitou em segui-los. Andando sempre, galgando taludes e transpondo ravinhas dum salto, lá iam, até que, parando de frente duma enorme rocha, esta se abriu. O pobre homem que os seguia, a quem por ali, chamavam o «velho José», tinha visto um dos da frente,—a quem o grupo parecia obedecer (talvez fôsse o chefe)—tocar uma anfractuosidade da rocha e esta girar sôbre si mesma, deixando ver uma entrada escura.

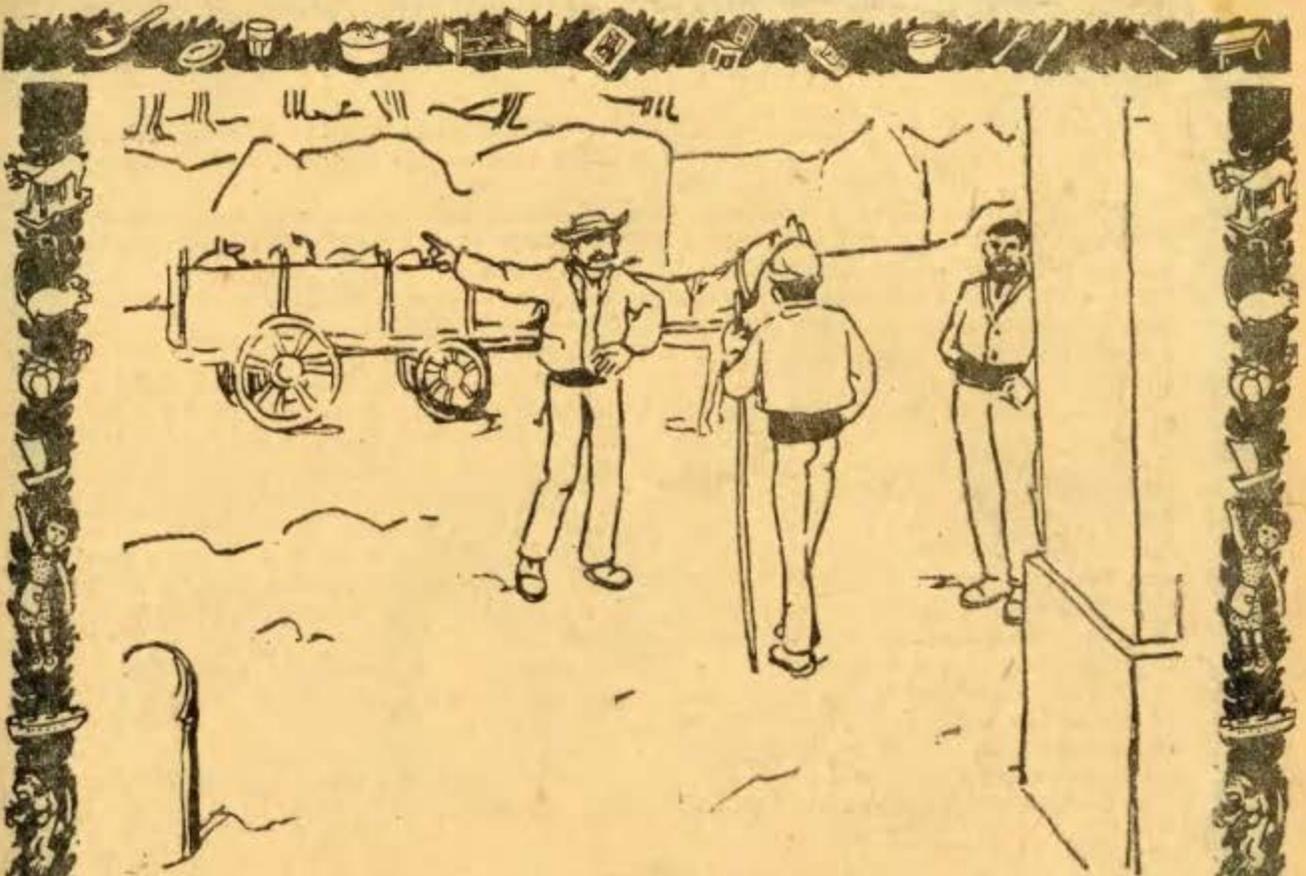
Foram por ali dentro sem reparar que alguém os espiava e, daí a pouco, saíram sem

os fardos que alguns dêles levavam antes. O «velho José» deixou-os desaparecer por detrás do pináculo de rocha que ao fundo servia de limite á estrada e lançou-se correndo para a gruta, agora fechada. Procurou algum tempo a misteriosa mola que faria girar a rocha e, ao cabo dum aturado exame, conseguiu encontrá-la.

Premiu-a com força e viu a enorme pedra girar silenciosamente. Lançou-se, cauteloso, na entrada que se lhe deparava e encontrou-se num largo aposento, todo de granito bruto, alumiado por uma enorme fogueira que ardia, quási extinta, a um canto.

O chão da gruta estava, por aqui e por ali, coberto de sacos de todos os tamanhos. Abriu o que estava mais à mão e sentiu esvaír-se-lhe pelos dedos um sem número de moedas. Completamente alucinado pela visão de tanto oiro, fugiu, levando consigo o precioso sacco. Afinal aquilo, roubado ao tesouro





dos bandidos, (porque era bem de bandidos aquela morada), era uma gota de água num oceano; talvez eles, até, nunca dessem pela sua falta.

Passados alguns anos o «velho José», já senhor duma grande propriedade, que havia comprado com o dinheiro surripiado da gruta, descansava, já quasi sol-pôsto, quando ouviu no pátio alguém falando com o criado.

Veio à janela e viu um homem, azeiteiro sem dúvida,—pois a carroça de que se havia apeado e que estava carregada de ôdres levava a crêr isso—que pedia ao criado fôsse junto do dono da herdade pedir pousada para êle por aquela noite, pois que o animal estava muito cansado e a cidade ainda estava longe.

O serviçal, zeloso, veio ter com o «velho José», expondo-lhe o pedido do azeiteiro.

O patrão explicou ao criado que aquele homem que no pátio lhe pediu pousada, não era mais que um ladrão e que vinha para o roubar.

—Mas, então, só, o que fará êle?

—E quem te diz que êle veio só?

—Mas se não veio, que é dos outros?

—Nalguma parte hão de estar!—vamos lá falar com o patife.

Desceram, e o «velho José» autorizou o azeiteiro a pernoitar em sua casa, depois do que êle começou a arrumar os ôdres numa espécie de pátio interior que ficava mesmo ali à entrada da casa.

O criado não atinava porque o patrão, sabendo que êle era um ladrão, consentia que ficasse debaixo da mesma telha que êle.

O «velho José» disse-lhe, então:

—Tu vais daqui já e trazes o maior número de pessoas possível. Entras aqui quando tudo fôr silêncio e ficas de emboscada até que recebas algum sinal.

O criado fez o que o amo lhe mandou e, por noite velha, estando tudo em silêncio e pronto para o que desse e viesse, aqueles que tinham olhos de vêr, viram um vulto levantar-se do sítio mais escuro, dirigir-se aos ôdres e desatá-los, saindo de cada um deles um larápio que já esperava que o chefe fizesse aquilo.

Dirigiram-se, surrateiros, para a sala onde sabiam que estava o cofre, e, ao voltarem com as mãos abarrotadas de ouro, convencidos que nada lhes poderia obstar a que passassem, deram com um sem número de espingardas que os alvejavam. Acêsa a luz e despojados os bandidos do roubo, foram amarrados e entregues, no dia seguinte, às autoridades que lhes applicaram o devido correctivo, mandando-os para a costa de Africa, condenados a trabalhos forçados. E foi justo. Não é impunemente que se despojam dos seus haveres pessoas dignase honradas.

O «velho José» ofereceu aos pobres uma parte da sua fortuna igual à quantia que havia subtraído da gruta.

CONTINUADO DA PAGINA 1

— Filho...

— Pai?...

— Vem cá... Aviva mais o lume... Isso...

Já não vejo bem. Dantes, envolvido em densas trevas, divisava por entre vagas tannhas pobres náufragos que, radiante, salvava, à custa da própria vida, e pensando que, se morresse, ia para junto de Deus... Filho: se eu agora deixar de existir... irei também para o céu?...

— Não, paisinho, porque ainda viverá muito tempo!

— Artur, não, não viverei muito tempo... Olha: sê forte! Morrerei ainda esta noite... Então que queres?... Eu havia de existir tóda a vida?... Não. Deus chama-me, porque nunca pequei... Depois Deus chamarte-há também a ti, porque nunca pecarás... E mais tarde até hei-de conhecer no céu os meus nétinbos... não é verdade?...

Uma súbita ventania fez tremer um pouco as tábuas da frágil habitação. Começou a chover com violência. As inquietas ondas da ria pareciam mais agitadas...

O tio João soltou um suspiro, e continuou:

— Morrerei esta noite... E' pena! O mar ficará triste... Eu sempre julguei que acabaria no mar...

Ouviu-se, de repente, o majestoso ribombar do trovão. Avizinhava-se uma tempestade ameaçadora.

— Vem para cá a tempestade? — perguntou, em voz fraca, o tio João.

— Vem, sim, meu pai.

— E' para admirar, filho. Costuma dizer-se que Aveiro está a um cantinho do céu, e que é protegido pela princesa Santa Joana! Ah! Quantas vèzes cantava no alto mar ao som dos trovões, e salvava muita gentinha à claridade dos relâmpagos! Tempestade!... Eu zombava de ti!... As vagas!... Parecia uma criança brincando sôbre elas, que tentavam em vão arrastar-me para as profundezas do mar!...

Calou-se, por momentos. O lume apagava-se lentamente, e Artur, abraçado ao pai, chorava, chorava...

— Adeus — disse o tio João.

Olhou fixamente o filho, e expirou, por fim, nos seus braços...





A luz intensa dum relâmpago, sucedeu-se uma formidável detonação; ao mesmo tempo caía sobre Aveiro uma chuva torrencial; um violento furacão fez abalar sólidas habitações. Das sossegadas águas da ria levantaram-se ondas enormes, que envolveram incautos transeúntes, e inundaram parte da cidade.

As mulheres rezavam a todos os santos da sua devoção, e as mães medrosas soltavam gritos lancinantes; os homens procuravam acalmar, conforme podiam, as suas famílias; e as crianças — as que não dormiam suavemente — choravam sem saber bem porquê.

Parecia uma comovente homenagem da tempestade ao extinto velho lóbo do mar!

— Tio João! Tio João!

A porta da velha casa de madeira abriu-se violentamente, e um rapaz, agigantado, entrou a correr.

— Tio João! Um iate encalhou perto da Barra, e a tripulação está em perigo!

Artur, enchugando as lágrimas, disse espantosamente calmo:

— O tio João morreu!

— Hein?! O tio João?!...

— O tio João morreu! — repetiu o pobre filho como se falasse consigo mesmo.

Ouviram-se choros perto da porta. Eram várias mulheres, com os cabelos desgrenhados, que escutaram esta simples e terrível troca de palavras.

— Quem há-de salvar, então, a gente do iate? — perguntou uma voz.

— Eu! — respondeu Artur. — Meu pai ensinou-me a comandar, como ninguém, um salva-vidas, e eu não sou medroso! Fiquem vocês aqui, por favor! (disse dirigindo-se às mulheres.) Velem o cadaver, sim?

— Sim! Sim! — disseram elas, ao mesmo tempo, muito comovidas.

E começaram, como de costume, fazendo comentários e súplicas, em altos gritos e largos gestos.

— Que Deus o escute!

— Deve ser valente, como o pai!

— Pobre criança!

— Como ele ficou tão cedo órfão!

— Deixem-no ir!

— Ele tem razão! É o único que pode comandar o salva-vidas!

— A alma do tio João acompanhá-lo há!

(Continua na página 7)

JESUS SARANDO OS LEPROSOS



POR
AUGUSTO de SANTA-RITA
 Esboçeto de E. MALTA

De volta de Bellém,
 onde Nossa Senhora
 — a Virgem Mãe —
 ficara,
 ia
 um dia
 Jesus
 para Jerusalem,
 entre bambús
 e à luz
 duma esplendente aurora.

Súbito, cara a cara,
 um grupo de leprosos
 eis lhe surge rogando,
 suplicando,
 chorosos,
 a milagrosa graça
 duma cura.

Entretanto, Jesus,
 a dextra erguendo, traça
 no ar, no vago, a figura,
 o esboço duma cruz
 e, súbito, volveu:
 — «Em nome de meu Pai
 que está no Céu,
 sarai
 chagas em pús!»
 Imediatamente,
 ao mando de Jesus,
 o milagre se deu!

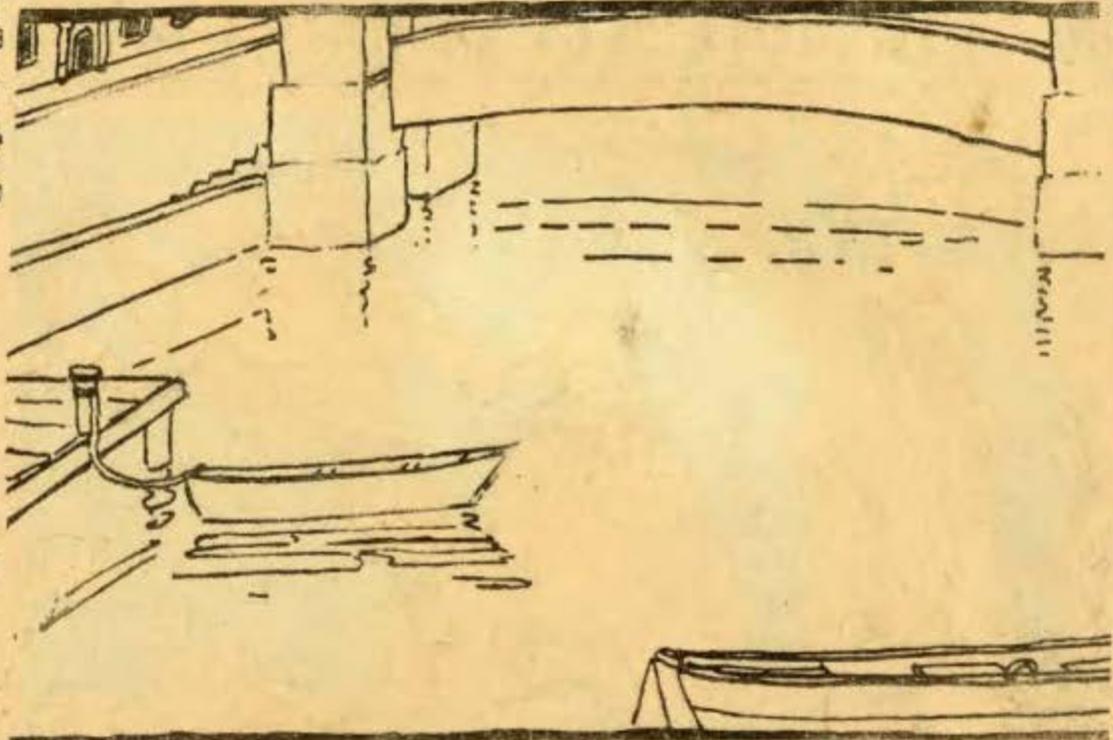
Imensamente
 contente,

de corpo já limpo, entanto,
 o grupo, cheio de espanto,
 brada: — «ó céus, como foi isto?!...»

Nisto,
 ancho,
 vai-se o rancho,
 de alta grimpa,
 e um, somente,
 reverente,
 de corpo limpo e alma limpa,
 se ajoelha aos pés de Cristo
 que lhe diz numa voz calma:
 — «a tua fé te salvou,
 porque ela até te livrou
 da própria lepra da alma!

F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM



CONTINUADO DA PAGINA 5

—E pedirá a Deus pelos nossos maridos!
—Velem o cadáver!—repetiu Artur.
E safu, apressadamente, com o rapaz agantado.

O mar rugia com pavor, e a tempestade tinha redobrado de fúria. Mas o potente ribombar do trovão, os relâmpagos sucessivos, a chuva torrencial, o vento furioso e soprando em tôdas as direcções, a escuridão cortada, apenas pelas intensas descargas electricas, as vagas desfazendo-se com violência contra as rochas—não intimidavam o valente grupo do salva-vidas, que remava, sem descanço, para o iáte prestes a sossobrar. De tempos a tempos, ouvia-se a voz de Artur, ainda juvenil, mas bastante forte para que se não ouvisse através da tormenta.

Para que narrar a inaudita luta dos homens contra os elementos?

Basta que os leitores saibam, naturalmente com satisfação, que Artur, por entre o entusiasmo de vários pescadores que presenciaram emocionados aquella scêna horrorosa e bela, conseguiu salvar tôda a tripulação do iáte, que pouco depois fa a pique.

Entre os náufragos, contavam-se o sr. Joaquim Mendes, um homem riquíssimo, D.

Leopoldina, sua bondosa esposa, e Maria Mendes, adorável filha do venturoso casal.

Esta conhecida familia lisboêta, tomou por Artur uma afeição extraordinária. Retiraram-se de Aveiro com o jovem heroi e nunca mais consentiram que êle se retirasse da sua companhia.

Passaram-se 5 anos.

Um homem alto, elegante, e uma formosa menina costumam ajoelhar-se diante duma modesta sepultura, onde se vê a estátua dum velho lóbo do mar a comandar um salva-vidas e tendo a mão direita sôbre a fronte como perscrutando com atenção o horisonte, Nêle também se pode ler o seguinte epitáfio :

«Aqui jaz o tio João, humilde e heróico lóbo do mar. Saúde eterna de seu filho Artur.»

Os leitores devem já ter adivinhado que êste casal era Artur e a formosa menina, Maria Mendes, noiva do seu antigo salvador, a qual nunca poderia ter escolhido marido mais bonito, não de muita fortuna — pobre, até, —mas riquíssimo em corágem, intelligência e bons sentimentos.

■ F I M ■

A TENTACÃO NO DESERTO



A POS haver jejuado
quarenta dias a fio,
Nosso Senhor,
concentrado,
cheio de fome e de frio,
foi para um certo
deserto,
desabafar sua Dôr,
quando, de súbito, pèrto,
sobre uma angulosa pênha,
lhe surge e lhe diz, com ma-
nha,
Satanaz, o Anjo maldito:

— «Se és Cristo, Rei dos Ju-
deus,
porque em nome
do teu Deus,
não tornas este granito
em pão que te mate a fo-
me?»

Então,
Jesus, pondo a mão,
aberta sôbre o abdômen,
responde, quasi num grito:
— «Porque, Satan, está es-
crito:
Nem só de pão vive o Ho-
mem!»

Entanto, não desistindo
de tentar o Nazareno,

Satanaz, num leve aceno,
torna sarcástico e rindo:

— «Porque has-de, com sa-
crifício
da vida—(empreza tão lou-
ca)—
salvar os homens que, em
troca,
te levarão ao suplício?!

Se pactuares comigo,
serás Rei dumã Nação
maior que a do Salomão;
medita bem no que digo!»

Mas Jesus, a Satanaz,
Satanaz, Anjo maldito,
responde: — «Não! Está es-
crito:
Só teu Deus adorará!»

Então, Satan, ruminando
seu incontido furor,

torna de novo ao Senhor,
com suas artes tentando:

— «Se és Cristo, por teu bap-
tismo,
e milagreiro, despenha
teu corpo daquela pênha,
à beira daquele abismo!

Nada te sucederá,
pois ao chegares ao chão,
por certo, amparar-te-hão
os anjos de Jehovah!

Porém, o Filho de Deus,
inabalável à voz
do Anjo mau, volve após,
erguendo os olhos aos céus:
«Mil vezes não, Satanaz;
vai-te, vai-te, Anjo maldito:
— Pois que, também, foi es-
crito:

Teu Senhor não tentarás!»

■ F I M ■